

# REFLEXÕES SOBRE LAZER E MEIO AMBIENTE<sup>1</sup>

## THOUGHTS ABOUT LEISURE AND ENVIRONMENT

*Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa<sup>2</sup>*

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil, título VIII “Da ordem social” capítulo VI “Do meio ambiente”)

As questões ambientais têm sido foco de grandes discussões, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Essa preocupação é devida, em parte, às crises ambientais agravadas em nosso meio – com evidentes reações naturais do planeta –, associadas com a ampliação da consciência acerca da insustentabilidade das vivências fundamentadas no capitalismo, que consomem os recursos de forma rápida, sem promover uma adequada regeneração e sem prever as conseqüências a longo prazo.

O Artigo 225 da constituição brasileira nos coloca frente a um desafio: nas condições atuais, como garantir às gerações presentes e futuras o direito ao meio ambiente? Como a população e o poder público cumprirão tais deveres? Nesse contexto, que fundamentos podem subsidiar tais ações, o que precisa ser repensado?

A crise que se observa hoje não diz respeito apenas às questões ambientais, mas a outras dimensões da vida humana, sugerindo a existência de um problema estrutural, ideológico, que transcende as questões ecológicas e nos remete a outras questões. Certamente, a situação atual não se sustentará por muito tempo, convidando-nos a rever paradigmas, remodelar conceitos e buscar saídas.

Dentre tais paradigmas, Morin (2000, p.26) evoca o que considera o maior deles, o modelo cartesiano que pretende separar sujeitos e objetos em esferas diferentes: “a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado a ciência e a pesquisa objetiva, de outro. Esta dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro” e acaba por dividir, sentimento/razão, sujeito/objeto, espírito/matéria,

1 Esse texto compreende dados coletados em minha pesquisa de conclusão de graduação em Turismo “Trabalhando a Educação Ambiental com Crianças Através do Lúdico: Uma Proposta Educativa” e meu projeto de final de curso na Especialização em Lazer – CELAR/UFG: “Lazer e Educação Ambiental – O Entendimento de Lazer na Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Belo Horizonte”.

2 Professora do Departamento de Administração – Gestão em Hotelaria, Turismo e Lazer do Centro Universitário UNA. Especialista em Lazer pela UFG e Bacharel em Turismo pelo Unicentro Newton Paiva.

qualidade/quantidade, liberdade/determinismo, existência/essência. Conceber o homem como “senhor da criação” (pelo fato de conhecer as leis que regem a natureza e até prever fenômenos), e a consideração de tudo mais que existe como “objeto” sob o domínio, estudo e observação do homem, permitiu a tendência a se utilizar indiscriminadamente os recursos naturais, sem se preocupar com sua regeneração, ou com as condições do planeta em longo prazo. Deixo claro aqui, que não é intenção criticar o avanço tecnológico-científico, mas refletir: será que as bases que possibilitaram o progresso não devem ser, agora, repensadas em prol de um objetivo maior – a própria sobrevivência saudável no planeta?

A complexidade das questões sociais nas quais estamos inseridos, nos convida a pensar em pequenas intervenções que façam alguma diferença para o todo. Obviamente, é no mínimo arriscado apontar grandes soluções para problemáticas tão complexas e globais. Porém, os estudos que tenho empreendido na área do lazer têm me levado a refletir sobre as possibilidades de intervenção nessa área, considerando principalmente a dimensão “revolucionária” do lazer, que o entende como um campo possível de questionar da realidade vigente, esfera da possibilidade de ser recriar, repensar, ressignificar a realidade na qual estamos inseridos. Pensar o lazer como veículo de educação, me remete ao potencial de sensibilização para a questão ambiental no momento dessas vivências, seja no contato com a natureza, através da sensibilização estética, seja em atividades lúdicas.

Partindo desse pressuposto, este texto tratará da problemática ambiental, abordando desafios relacionados ao meio ambiente e possibilidades de intervenção na perspectiva da Educação Ambiental, procurando dialogar com o Lazer, considerando especialmente o seu duplo aspecto educativo.

### **O Meio Ambiente – Conceitos, Problemáticas, Possibilidades**

Chamamos “meio ambiente” a realidade física e orgânica de um determinado espaço, que pode compreender tanto um ecossistema (conjunto dos seres vivos e do seu meio ambiente físico, incluindo suas relações entre si), como toda a biosfera (conjunto das regiões da Terra onde a vida é possível em caráter permanente).

No que se refere ao ambiente natural, no nosso momento histórico, Vernier (1994) levanta alguns grandes desafios que devem ser enfrentados pela humanidade:

- A água – escassez dos recursos hídricos, as necessidades da água, a poluição, entre outros.
- O ar – os diversos poluentes, a morte das florestas, o “buraco” de ozônio, o “efeito estufa”, a poluição em locais fechados e suas conseqüências.
- O ruído – os efeitos do ruído, as fontes do mesmo.
- Os dejetos – domésticos, industriais, agroalimentares, nucleares.
- Produzir Limpo e Sem Riscos.
- A natureza – para quê preservar a fauna e flora? A exploração abusiva das espécies, a deterioração dos habitats das espécies.

O autor comenta que essas questões são muito complexas. Além dos desafios, há os atores envolvidos: agricultura, indústria, transportes, cidades, assuntos que não serão tratados neste texto.

As estatísticas de destruição, de produção de lixo, de poluição são muitas vezes assustadoras. Mas, perante os problemas levantados, há possibilidades de reversão, ou pelo menos de minimizar os processos a partir do momento presente. O mesmo autor, perante os grandes desafios ambientais, levanta "seis alavancas para a ação": (a) as leis, (b) estímulos econômicos ou fiscais, (c) cidadãos e associações ativas, (d) ações de âmbito internacional, (e) pesquisas científicas e (f) educação sobre o meio ambiente. Dessas possibilidades, gostaríamos de tratar de maneira mais pormenorizada a Educação Ambiental, que pode ser considerada como uma base para as outras intervenções citadas.

Segundo Marcatto (1999), a Educação Ambiental seria um processo que tem o papel de desenvolver uma população consciente, preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhe são associados. Uma população dotada de conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos. De acordo com essa definição, várias questões estão envolvidas nessa temática, não apenas as ligadas à problemática do ambiente natural, mas também o bem estar no meio urbano envolvendo o destino do lixo, a reciclagem, o problema da água, a preservação da cultura para que gerações futuras possam desfrutá-las.

O processo de Educação Ambiental objetiva formar cidadãos conscientes e atuantes dentro do contexto em que vivem: a grande teia da vida. Para Melo (1996), a Educação Ambiental é um processo dinâmico de construção de novos valores, atitudes e posturas éticas, a partir de uma educação libertária que resgate a cidadania, repensando os padrões de consumo e produção, e o respeito à diversidade ecológica, cultural, social e política, culminando numa sociedade ecologicamente sustentável.

Pedri (1997), centraliza em seu conceito o elemento humano. Para ele o processo lento e contínuo de Educação Ambiental não teria razão de ser se não possibilitasse uma reflexão sobre as relações dos seres entre si, do ser humano com si próprio e com os seus semelhantes. Lembrando-nos que não se deve tratar as questões ambientais de maneira reducionista, considerando apenas as agressões contra a natureza, mas lembrando que o problema que se reflete no âmbito da ecologia reflete questões profundas de ordem social.

As principais características da Educação Ambiental, definidas durante Conferência de Tbilise, ocorrida em 1977 na ex-URSS, e que ainda hoje é tido como um dos marcos teóricos da Educação Ambiental, são citadas por Marcatto (1999): é um processo dinâmico e interativo, visando envolver e captar a comunidade para a gestão de seu meio ambiente; é transformadora, ou seja, visa a mudança de atitude, a construção de uma nova visão baseada na aquisição por parte das pessoas de conhecimentos e habilidades sobre as questões ambientais; é participativa, pois estimula o cidadão a tomar parte dos processos coletivos, sugere o exercício da

cidadania; deve também ser **abrangente** envolvendo não só o ensino formal, mas toda coletividade; é **globalizadora**, já que considera o ambiente em seus múltiplos aspectos (natural, tecnológico, social, econômico, político, histórico, cultural, técnico, moral, ético e estético) e deve-se procurar atuar em âmbito local, regional e global, é um processo **permanente**, crescente e contínuo, pois a evolução do senso crítico não pode parar; é **contextualizada**, atuando de acordo com a realidade de cada comunidade, seu momento histórico, sua cultura.

Ainda segundo Marcatto (1999, p. 3), há uma oitava característica a ser inserida quando se trata de Educação Ambiental no Brasil:

**Transversal** - propõe-se que as questões ambientais não sejam tratadas como uma disciplina específica, mas sim que permeie os conteúdos, objetivos e orientações didáticas em todas as disciplinas. A Educação Ambiental é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura.

A Lei Federal 9795, sancionada em 27 de abril de 1999 que institui a "Política Nacional de Educação Ambiental" mencionada pelo autor é de grande relevância, pois, institui os princípios relativos a Educação Ambiental a serem seguidos em todo país, ela estabelece inclusive que todos têm direito à Educação Ambiental, que deve estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal, o que a aproxima do âmbito do lazer. Com isso, todos os envolvidos em atividades educativas, inclusive em atividades de lazer, deveriam se preocupar e se capacitar para colaborarem nesse processo transformador, possibilitando às pessoas os conhecimentos capazes de torná-las responsáveis pelo planeta: cidadãos do mundo de hoje e do futuro, conscientes de seus deveres e obrigações perante o meio ambiente do qual fazem parte. Para isso, é necessário não depredar e desperdiçar os recursos do meio ambiente, sem prejuízo de si mesmos e de seus descendentes, garantindo assim um desenvolvimento em harmonia com condições do meio ambiente.

Muito pertinente à discussão sobre Educação Ambiental é o conceito de desenvolvimento sustentável. Conforme Gadotti (2000), este termo foi utilizado pela primeira vez na Assembléia Geral das Nações Unidas em 1979, indicando que o desenvolvimento não incluiria apenas questões econômicas, mas envolveria as dimensões culturais, éticas, políticas sociais e ambientais. Considerando também o pensamento de Boff (apud GADOTTI, 2000), uma sociedade ou um processo de desenvolvimento possui sustentabilidade quando por ele se consegue a satisfação das necessidades, sem comprometer o capital natural e sem lesar o direito das gerações futuras de verem atendidas também as suas necessidades, com possibilidade de herdar um planeta sadio, com seus ecossistemas preservados.

O uso dos recursos naturais na atualidade deve respeitar três aspectos: ser ambientalmente equilibrado, economicamente viável e socialmente correto. De acordo com a Organização Mundial de Turismo (2001, p. 9)<sup>3</sup>:

O desenvolvimento sustentável é um processo que permite o desenvolvimento sem degradar ou esgotar os recursos que o tornam possível. Para tal, gerem-se os recursos de modo a que estes possam se regenerar ao mesmo ritmo em que são utilizados, ou passando a utilizar, em vez de um recurso que se regenera lentamente, um recurso que se regenere mais rapidamente. Desta forma, os recursos podem servir as gerações presentes e futuras.

Apesar de todos esforços educativos, da divulgação através da mídia das possibilidades de conseqüências nefastas do mau uso da natureza, em geral as pessoas são resistentes a mudanças em relação aos hábitos que podem causar degradação do meio ambiente. A informação abundante age no âmbito da instrução, mas por quê não atinge a prática, a ação do dia a dia? A probabilidade do risco não é suficiente para que as pessoas mudem suas atitudes.

Discute-se muito a questão da consciência ecológica, que, para Morin (2000, p.76) significa "a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera): reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometício do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a Terra". A compreensão de seu lugar no mundo, de seu papel perante a sociedade, sem pretensões universais, mas no âmbito de ação das próprias possibilidades, direitos e deveres como habitantes do planeta, seria um dos caminhos para preservação do ambiente. Além disso, o conceito estende o âmbito da educação ambiental para a convivibilidade, ou seja, para as relações humanas, uma vez que a maneira em que muitas vezes tratamos o ambiente, o mundo em que vivemos, reflète a maneira como tratamos a nós mesmos e aos nossos semelhantes.

A grande questão é que a conscientização é um processo individual e interno. Somente a pessoa pode tomar consciência de algo, reagindo de maneiras diferentes, de acordo com sua subjetividade. O âmbito de atuação externo, se assim podemos dizer, se caracteriza pela informação, instrução, estímulos diversos, e sensibilização. Gostaria de chamar atenção para esse último, que é a busca de despertar o sentimento dos indivíduos para as questões ambientais, procurando fomentar nos mesmos o processo de conscientização para as questões ecológicas. Ao meu ver, essa é uma possibilidade de intervenção nos momentos do lazer, através do contato com a natureza, da evocação do prazer do contato com o ambiente, da contemplação ou das atividades relacionadas a esses temas.

<sup>3</sup> OMT/EMBRATUR. Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Manual para Organizadores Locais. Distrito Federal: Bárbara Bela Editora. 2001.

## **Lazer e Educação**

Podemos refletir sobre as possibilidades educação nos momentos de lazer, uma vez que a dimensão lúdica da vida é característica humana. E assim, também pensar no lazer como fator estimulador de mudanças sociais através da aquisição de novos conhecimentos, que podem e devem abranger as questões ambientais. Esses conhecimentos podem ser transmitidos nos momentos em que se está livre de obrigações e exigências, quando então, há maior espontaneidade no comportamento das pessoas. Pode-se considerar a possibilidade de se observar a realidade com o senso crítico mais desenvolvido, para que a ordem vigente, nem sempre considerada justa, possa ser modificada, repensada com vistas em um futuro diferente, com esperanças em um mundo melhor para todos.

Muito se reflete na área de estudos sobre o Lazer, a respeito de seu duplo aspecto educativo: Educação para o Lazer, que trata da importância de se vivenciar esse direito social de maneira crítica e criativa; e Educação pelo Lazer, discussão que considera as possibilidades deste como um veículo de educação, com potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tal entendimento pode ampliar as chances de romper com a hegemonia, formando indivíduos capazes de questionar a ordem social vigente.<sup>4</sup>

Marcellino (1990a) considera o lazer como "veículo de Educação", pode-se assim conceituá-lo pelas suas potencialidades direcionados ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos cumprindo objetivos diversos, entre eles, o prazer e contentamento proporcionados pela vivência do lazer. E ainda contribuindo para que se compreenda a realidade buscando o reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade. Esse aguçamento da sensibilidade pode se aproximar da sensibilização ecológica trabalhada no âmbito da Educação Ambiental? É possível esse diálogo entre os dois campos de conhecimento?

### **Lazer e Educação Ambiental, Reflexões Sobre essa Possível Interface**

Tanto os estudos do Lazer como da Educação Ambiental muitas vezes discutem a formação de cidadãos conscientes, pessoas autônomas, com senso crítico e amplas possibilidades do exercício de sua cidadania, discutindo maiores possibilidades da educação, além da educação formal, a que ocorre em sala de aula. Dessa maneira, pensando possibilidades mais amplas, múltiplos meios de se educar em vários ambientes e contextos.

A Educação pelo Lazer considera outras potencialidades humanas, as quais transcendem à dimensão apenas racional, geralmente mais valorizada na educação formal. Considera que o ser humano aprende a fazer parte do mundo, absorve a cultura na qual está inserido de diversas maneiras. Refletir sobre o lazer como veículo de educação nos permite penetrar no campo do aprendizado subjetivo, da educação da sensibilidade, de aspectos, de certa forma, imponderáveis, tendo em vista a sua imprevisibilidade comparando-se ao saber racional.

---

<sup>4</sup> A discussão do Lazer em seu duplo aspecto educativo é proposta por Marcellino (1990a).

Não se pretende desvalorizar o ensino formal em detrimento de outras possibilidades da educação, apenas relativizar a visão do saber com fins apenas utilitários, que vem sendo formada desde a modernidade, na qual apenas o saber racional, a instrução sistematizada, tem valor. Essa visão foi herdada de mitos como a infalibilidade e neutralidade da ciência, e na tendência de cada vez mais, o ensino ser relacionado ao “saber fazer”, ao se ensinar apenas para se inserir no mercado, desconsiderando as demais dimensões da vida. Sobre isso, Carvalho (apud MORIN, 2000, p.87), comenta que:

O ‘grande paradigma do Ocidente’, disjuntor do sujeito e do objeto, da alma e do corpo, da existência e da essência, precisa ser desobedecido e refutado, para que o pensamento alce vôos mais livres e polifônicos. Precisamos reaprender a rejunta a parte e o todo, o texto e o contexto, o global e o planetário, e a enfrentar os paradoxos que o desenvolvimento tecnoeconômico trouxe consigo, globalizando de um lado e excluindo do outro.

O aprendizado para a produção, supervalorizado nas sociedades modernas e pós-modernas, reforçou a tendência a relegar ao segundo plano, tudo que não é considerado útil para o mercado de trabalho, que não traz lucros imediatos ou resultados visíveis, além de permitir o uso irrefreado dos recursos naturais e humanos. Observa-se, como foi citado, uma fragmentação da existência humana, uma visão dual da realidade: útil X inútil, ludicidade X seriedade, entre tantas comparações que colocam em patamares hierárquicos valores e dimensões de igual importância na existência humana.

A lógica vigente, do capitalismo, tende a considerar o lazer apenas como mais um filão de mercado. Assim, o lúdico é valorizado e comercializado através de diversas atividades, abrindo possibilidades de negócios. E o senso comum, mergulhado na visão dominante, relaciona ao lazer apenas as possibilidades que se podem comprar: Trabalha-se o ano inteiro para pagar uma curta viagem nas férias; as possibilidades de fruir o tempo livre são quase sempre relacionadas com o consumo, desconsiderando várias maneiras de participação na realidade em que se encontra, e muitas vezes, realmente impossibilitados do acesso a bens culturais por não detenção de recursos suficientes.

Porém, refletir sobre as possibilidades da relação entre lazer e educação é caminhar para objetivos maiores do que o consumo irrefletido de “pacotes prontos” de atividades. É pensar no lazer como direito de todos, como exercício de cidadania, em fomentação de posturas éticas perante a vida. Para esse exercício consciente, o indivíduo tem que se sentir parte do todo, se sentir co-criador, responsável pelos caminhos tomados pela sociedade, pelas mudanças do ambiente que o cerca. O que muitas vezes as ideologias hegemônicas impedem as pessoas de compreender. É um desafio encontrar caminhos para a inclusão, para o sentimento de cidadania, de pertencimento, e isso pode incluir, por quê não, a fomentação de uma consciência ecológica. Nesse contexto, lembramos ainda que estudar Educação Ambiental

também é refletir sobre nossos padrões de consumo e as conseqüências disso para nós mesmos e para toda sociedade.

As vivências lúdicas vão além do conhecimento racional, estão muito mais ligadas a esse universo subjetivo, outra importante dimensão humana, segundo Debortoli (2002, p. 75) nós seres humanos, construímos o mundo, muitas vezes como quem “brinca” com a realidade: também elaboramos o mundo através da fantasia, da imaginação, das experiências lúdicas. Refletindo sob essa ótica, repensando a lógica vigente, relega-se tantas dimensões do saber humano à desvalorização considerando apenas o saber objetivo do ser humano. A instrução seria mesmo a única possibilidade importante da educação?

Trazendo à tona a possibilidade do aguçamento da sensibilidade, a educação não é apenas lógica e razão, o ser humano é um todo, e não apenas a dimensão objetiva, a subjetividade é igualmente importante e presente no ser humano, fato que o pensamento cartesiano “penso, logo existo”, tem desprezado. Ainda segundo Morin (2000):

o ser humano não só vive de racionalidade e de técnica; ele se desgasta, se entrega, se dedica a danças, transe, mitos, magias, ritos; crê nas virtudes do sacrifício, viveu freqüentemente para preparar sua outra vida além da morte. Por toda parte, uma atividade técnica, prática, intelectual testemunha a inteligência empírico-racional; em toda parte, festas, cerimônias, cultos com suas possessões, exaltações, desperdícios, “consumismos”, testemunham o Homo ludens, poeticus, consumans, imaginarius, demens. As atividades de jogo, de festa, de ritos não são apenas pausas antes de retomar a vida prática ou o trabalho; as crenças nos deuses e nas idéias não podem ser reduzidas a ilusões ou superstições: possuem raízes que mergulham nas profundezas antropológicas; referem-se ao ser humano em sua natureza. Há relação manifesta ou subterrânea entre o psiquismo, a afetividade, a magia, o mito, a religião. Existe ao mesmo tempo unidade e dualidade entre Homo faber, Homo ludens, Homo sapiens e Homo demens. E, no ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético (p. 58-59).

Observa-se que nas questões ambientais, as informações são amplamente difundidas, por diversos veículos, muitas vezes alcançando pessoas de diferentes idades, classes sociais, níveis de instrução. Assim, os sujeitos têm acesso ao conhecimento racional, sabem das conseqüências negativas que seus atos podem causar ao ambiente e como podem influenciar o futuro do planeta. Porém, apesar de todo esse saber, muito pouco se muda em atitudes, indicando que apenas o desenvolvimento racional não é suficiente para mudanças de atitude. A conscientização é um processo individual, somente a própria pessoa pode tomar consciência de algo ou pode tornar um conhecimento patrimônio de sua inteligência.

Exteriormente há alguns caminhos para a educação: pode-se instruir, sensibilizar.

Nas propostas de Educação Ambiental, procura-se trabalhar a dimensão da sensibilização. Essa sensibilização para as questões ecológicas, não estaria mais intimamente ligada à subjetividade humana, à ludicidade? Não seria a Educação Ambiental uma possibilidade de Educação pelo lazer?

Como minha incursão nos estudos sobre essa interface é recente e ainda não estão concluídos, gostaria de finalizar com essas questões com o objetivo de fomentar reflexões e possibilitar diálogos.

## REFERÊNCIAS

DEBORTOLI, José Alfredo. *Linguagem, marca da presença humana no mundo*. In: CAVALHO, Alyson. SALLES, Fátima e GUIMARÃES, Marília (Org.). *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2002.

DEBORTOLLI, José Alfredo. *As crianças e a brincadeira*. In: CAVALHO, Alyson. SALLES, Fátima e GUIMARÃES, Marília. (Org.). *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2002.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Editora fundação Petrópolis, 2000.

MARCATTO, Celso. *Educação Ambiental*. [In] Programa de Qualificação do Servidor Público: Educação Ambiental, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. São Paulo: Papirus, 1990a.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Animação*. São Paulo: Papirus, 1990b.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5ª Ed. Cortez Editora/ UNESCO, 1999/2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Desenvolvimento de Turismo Sustentável: Manual para Organizadores Locais*. 2ª ed. Publicação de Turismo e Meio Ambiente, 2001.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. *Educação Ambiental: Reflexões e Práticas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VERNIER, Jacques. *O Meio Ambiente*. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

---

**Endereço da autora:**

Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa  
Rua Pavão, 110, Santa Cruz, Barreiro  
Belo Horizonte – MG – CEP. 30.644-060  
E-mail: cleidescully@yahoo.com.br

**Recebido em: 30/07/04**

**Aceito em: 28/08/04**